

O autor como mediador de leitura: a intencionalidade em Jorge Amado

The author as a reading mediator: intentionality in Jorge Amado

Alzira Queiroz Gondim Tude de Sa

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: alziratude@gmail.com

RESUMO

Este trabalho, uma revisão de literatura, pretende apontar para o lugar do mediador, implícito em cada autor, dando ênfase à intencionalidade e ao papel exercido por Jorge Amado na constituição de um público leitor brasileiro. Nesse sentido, analisa a trajetória do escritor e a profunda homologia estabelecida por ele com a história, com a dinâmica do mercado e a “estética do espetáculo,” fatores que prenunciam o processo pelo qual, posteriormente, passaria o cânone brasileiro, ou seja, o de pôr em suspenso a noção de valor estético da obra literária, investindo na relação que esta mantinha com o leitor. Apresenta, à título de ilustração, um protocolo de leitura das obras do escritor numa tentativa de demonstrar que toda a sua produção literária, pautada numa linguagem falada pelo povo, intencionava, estética e ideologicamente, a constituição e manutenção de um público leitor nesse país.

Palavras-chave: Mediação da leitura; Mediação de leitores; Jorge Amado.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the role of the mediator, implicit in each author, emphasizing the intention and role played by Jorge Amado in the constitution of a Brazilian lecturer. In this sense, it analyzes the trajectory of the writer and the profound homology that established with the history, with the dynamics of the market and the “aesthetics of the show”, factors that presage the process that the Brazilian canon would traverse, and is now decirating, or suspending the notion of the aesthetic value of the literary work, reversing the relationship that had with the lector. It presents, by way of illustration, a protocol for the reading of the writer's work in an attempt to demonstrate that all his literary production, based on a language spoken by the public, intended, aesthetically and ideologically, to establish and maintain an audience of readers in this country.

Keywords: Reading Mediation; Readers Training; Jorge Amado.

1 INTRODUÇÃO

Não se pode prescindir da história e de algumas premissas quando se pretende adentrar no universo da leitura e da mediação tendo em vista o sujeito, objeto que se quer apreender – o leitor. Uma dessas premissas antológicas é preconizada pelo pensador e educador Paulo Freire, referência e fundamento que vem ao longo do tempo alertando para o fato de que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1982, 29). Na verdade

Freire quer nos dizer que o leitor, aquele que se busca constituir, pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas, pois o ser humano começa a vida lendo o mundo que o cerca. O leitor vai se configurando através das experiências vivenciadas, sejam elas as mais elementares e individuais oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural que o circunda, ou seja, as suas circunstâncias, evidenciando-se assim, que o conhecimento da língua não é o suficiente para a leitura se efetivar. Começamos, portanto, a organizar os conhecimentos adquiridos a partir de situações que a própria realidade vai nos impondo e a partir da interação ou atuação que com ela estabelecemos.

Quando passamos a estabelecer relações entre as experiências vivenciadas, quando tentamos solucionar os problemas que se nos apresentam, estamos, sim, procedendo leituras e é nesse momento que passamos a ter a impressão, a sensação de que o mundo está ao nosso alcance, que podemos compreendê-lo e muito mais, que podemos modificá-lo à proporção que vamos incorporando experiências de leitura. Essa aprendizagem que significa a conquista da autonomia pelo homem, a ampliação do seu horizonte, traz a reboque compromissos, acarreta às vezes alguns riscos que incitam o homem a novas descobertas, novas exigências, a uma maior acuidade em relação às coisas do mundo e aos seus acontecimentos, rompendo muitas vezes com a sua passividade, ao reformular conceitos, ao revisar o gosto, ao mudar os hábitos.

Se a nossa acuidade em relação às coisas do mundo é ampliada e se o ato de ler nos faz romper com a nossa passividade, faz sentido ter sido a leitura, ao longo do tempo, uma atividade geradora de suspeita, insegurança e repressão por parte de instâncias do poder, por parte do governo, da realeza, da burguesia, do clero e da burocracia, que, por acreditarem na força e no poder de transformação do homem através da leitura consideravam o ato de ler muitas vezes como um descaminho, como atestam as histórias de leitura e seus modos de ler.

2 UM POUCO DE HISTÓRIA DA LEITURA E DOS LEITORES

A história da leitura registra que há motivações históricas para o ato de ler, como há registros da sua proibição. Como se fosse natural que a palavra escrita ao penetrar na intimidade do leitor o faz agir, mover-se por lugares e caminhos que só ele é capaz de escolher e trilhar. Tal afirmação, segundo Manguel (1997) nos faz pressupor que o ato de ler, ao ser exercido, abre espaço, cria liberdade e, portanto precisa ser conduzido,

vigiado, punido, muitas vezes. Essa forma de pensar a leitura e as suas possibilidades de transformação do homem, norteou a cultura ocidental e não só se aplicava ao universo feminino, mas às classes operárias, artesãos, aos escravos, aos funcionários de escritórios, à gentalha. Ao escrever sobre a formação do público leitor no século XIX, Martyn Lyons (1999, p. 166), aponta para o fato de que “os novos leitores do século XIX eram uma boa fonte de lucro, mas também provocavam ansiedade e inquietação entre as elites sociais”. Essa foi uma época de expansão dos romances e da ampliação do público leitor, principalmente do público leitor feminino.

Esses novos leitores, e Lyons os situa mais na Inglaterra, despertavam na classe média um misto sentimento de espanto e de temor. Era necessário que se tivesse um controle sobre o que liam, controle que era exercido pelas elites sociais, religiosas, pelas bibliotecas circulantes cujos acervos eram formados por obras de cunho moralista ou edificante, pelos clássicos, funcionando como um instrumento de controle de quem se esperava a garantia da harmonia social. A essas leituras impostas, sobrepunham-se as leituras secretas que como uma forma de resistência ao cerco instituído, eram praticadas “pelos leitores operários que se esforçavam por formar uma cultura literária própria, livre do controle da burguesia, do catolicismo ou da burocracia”. (LYONS, 1999, p. 187).

Muitas estratégias foram utilizadas, nas mais diferentes épocas, para condicionar ou mesmo reprimir os leitores e as suas leituras, numa interdição que articulada em cada época, primava pela manutenção das hierarquias culturais entre homens e mulheres. Segundo André Belo (2002, p.56), “as classes populares, as mulheres e as crianças foram grupos sistematicamente considerados como desprovidos de autonomia para escolherem e fazerem por si mesmos suas leituras, necessitando do acompanhamento de padres, pais ou tutores”. A atividade de apropriação e de produção, independente de sentidos, advinda do ato e das formas de ler, tem sido a base em torno da qual vários estudiosos, dentre eles Roger Chartier, Márcia Abreu, Manguel e tantos outros, têm desenvolvido, nos últimos vinte anos, suas pesquisas sobre a história da leitura e as diferentes maneiras de ler encontradas em momentos e contextos históricos e sociais diversos, ao longo da história da humanidade.

As imagens construídas e que povoam o imaginário coletivo do que seja o ato de ler, foram gravadas por pintores e fotógrafos, apontando essas representações para o conceito que se tinha de leitor: Homens bem vestidos, pois os homens da elite tinham a liberdade de ler jornais, obras científicas tanto em casa como em lugares públicos o que

não era permitido às mulheres, representadas sempre em atitudes proibidas ou no interior de suas casas, em lugares íntimos e aconchegantes. No recôndito do lar.

Muitos fatores advindos de mudanças sociais, de avanços tecnológicos conseguiram mudar, não por completo, a imagem em torno do ato de ler. As leituras continuam sendo representadas em casas, bibliotecas públicas e escolares, mas o que se percebe é que hoje nos mais inusitados espaços encontramos leitores e o que é mais importante, leitores de todo tipo de literatura, distanciadas de toda espécie de preconceito quanto a sua forma, estilo ou autoria e, além do mais, não como uma privação ao público constituído por mulheres. Diante do avanço democratizador dos modos de ler resta-nos saber e discutir sobre a democratização e acesso aos livros e muito mais a conceituação de leitor que passa por questões que vão da indução da escolha e do gosto, do acesso ao livro, às instâncias legitimadoras do literário.

Ora escamoteando, ora de forma explicita, esdrúxula até, o homem/leitor vem ao longo do tempo encontrando os mais diversos modos de ler, aos quais, historicamente, têm sido agregados valor e poder, inclusão e exclusão não só aos modos, como às escolhas do suporte, do gênero, dos estilos. Ou seja, outros modos de ler, diferentes do passado, outras escolhas por textos, outra atitude diante do livro, fazem parte da nossa realidade de hoje, virtual e eletrônica, irreversível e versátil que exige de nós uma outra postura, dessacralizadora.

3 LITERATURA COMO ARMA DE LUTA

Nascido no dia 10 de agosto de 1912, fruto do casamento de seu João Amado e dona Eulália Leal, Jorge Amado é natural de Ferradas, distrito de Itabuna, do interior do Estado da Bahia. Viveu em meio a trabalhadores rurais e em contato direto com as terras do cacau, onde vai forjando um mundo que seria mais tarde transportado para as páginas de seus romances. Por viver em fazendas até aos 6 anos Jorge Amado foi alfabetizado por sua mãe através da leitura de jornais. Passo a frequentar uma escola aos seis anos de idade, em Ilhéus e aos 10 fundou um jornalzinho, “Planeta” que distribuía com parentes e vizinhos. Aos 12 anos vai estudar em Salvador, no Colégio Antonio Vieira, transferindo-se para o Colégio Ipiranga aos 15 anos, quando começa a trabalhar no jornal “Diário da Bahia,” como repórter policial, e passa a morar num sobrado, no Pelourinho, lugar e cenário que mais tarde viria a se constituir na inspiração de um dos romances do autor. Suor, escrito em 1934.

Nesse período passa também a fazer parte da Academia dos Rebeldes, muda-se para o Rio de Janeiro, aos 18 anos, com o intuito de estudar Direito. Lá começa a se relacionar com escritores, músicos como Vinicius, Raquel de Queiroz e influenciado pelas ideias e ideais marxistas, escreve e publica seu primeiro livro em 1931, *O País do carnaval*, sucesso de público, 1000 exemplares vendidos, número significativo para a época. Com esse romance começa uma carreira literária que findaria em 1992, pois morre o escritor no ano de 2001, aos 89 anos de idade.

Jorge Amado viveu de literatura durante 60 anos e ao longo desses anos, mais que qualquer outro autor brasileiro, foi lido, consumido por milhares de leitores, o que naturalmente o colocou à mercê de uma pluralidade de leituras e tendências críticas que se exacerbam a partir da publicação do romance *Gabriela, cravo e canela*, em 1958. Com base na imensa massa de leitores que acompanhavam o autor desde o seu primeiro livro lançado, e nos milhares de exemplares vendidos no Brasil e no exterior, Jorge Amado pode ser considerado como um escritor que foi capaz de tanto mobilizar a máquina editorial como alçar as glórias da academia, além de seduzir o mercado internacional e conquistar o abstrato e poderoso “leitor médio brasileiro”. (PELLEGRINI,1999, p.125).

Poucos escritores no Brasil têm tido uma avaliação crítica tão apaixonada, polêmica e heterogênea quanto a dele, mas poucos foram lidos por uma gama imensa de leitores nacionais e estrangeiros como Jorge Amado, que teve sua obra traduzida em mais de 49 idiomas, em mais de 50 países, com tiragens que ultrapassam milhões de exemplares. Daí ser considerado como uma “griffe”, uma marca brasileira que ultrapassa em muito o domínio da literatura, sendo o seu nome transformado num espelho do Brasil e principalmente da Bahia, terra/musa, descrita nos romances como um paraíso terreal onde reina a alegria, a exuberância e a sensualidade.

No entanto, como já nos referimos anteriormente, desde os 14 anos começa a escrever em jornais da Bahia e a participar ativamente da sua vida cultural e literária, sendo um dos fundadores da Academia dos Rebeldes, grupo que juntamente com os formadores do *Arco & Flecha*, filia-se à Juventude Comunista, dando início a uma vida de cidadão e escritor, marcada pela luta libertária do povo, que se estendeu até os idos de 1954, quando foram escritos romances, num tempo cognominado pelo crítico Eduardo de Assis Duarte, como “tempo de utopia”. Romances que para algumas vertentes da crítica, caracterizam uma primeira fase da obra Jorge Amado que vai de *O País do Carnaval* (1931) à *Subterrâneos da Liberdade* (1954). Esses romances, segundo Duarte

(1995, p.17), “se inserem na grande corrente da literatura social em vigor no período”.

A literatura produzida nessa época pelos romancistas da geração de 30, em particular por Jorge Amado, que, segundo Antonio Candido (1997), inaugura o romance brasileiro, a nova ficção nordestina, regionalista, documental, enxertada de sentido social, estabelecia entre o projeto político e o projeto literário do autor, uma relação simbiótica que desembocava no desejo de transformar o mundo com uma literatura que denunciasses as contradições sociais que caracterizavam a cultura brasileira, representada pela prosa literária de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado.

Na década de 1930, sopravam ainda os ares da revolução socialista de 1917 e aos 20 anos, já tendo escrito o seu primeiro livro, Jorge Amado ingressa no cenário literário brasileiro, levando consigo o povo e sua fala, sua própria expressão, crenças, miséria, poesia, denunciando a sua discriminação, inspirando-se na sua cultura, o que termina por lhe facultar um estatuto de herói. E é documentando, com poesia e comprometimento, a saga do proletariado brasileiro, do homem do povo, dando-lhe uma dimensão de universalidade, que Jorge Amado passa a dialogar com o seu tempo.

Dos anos 30 aos anos de 1954, ele milita no Partido Comunista e escreve livros: *Cacau, Suor, Jubiabá, Capitães d’Areia, Mar Morto*. Em 1945 elege-se deputado pelo Partido Comunista Brasileiro sendo, a essa altura, um consagrado escritor por seus livros terem sido sempre acatados e divulgados pelo partido dentro e fora do país. Nessa época, Amado detinha um considerável conhecimento da atividade editorial, exercida na Editorial Vitória,¹ pertencente ao Partido, nas editoras Schmidt e José Olympio e uma larga experiência jornalística. Em entrevista a Alice Raillard (1990), Jorge Amado confessa que “trabalhava em edição porque não queria um emprego que [o] afastasse demais daquilo que [...] queria *Flecha e Samba*, desempenham um papel relevante na renovação das letras baianas. Aos 20, realmente fazer, ou seja, escrever. Queria ser um escritor profissional.” (AMADO,1990 apud RAILLARD,1990, p.112)

O desejo e a experiência conduziram e fortaleceram a decisão que Amado viria a tomar, a de ser apenas “um escritor”. Nesse tempo, já esboçava o desejo de viver de literatura, livre das amarras sectárias da militância e do cerceamento à liberdade de

¹ Os comunistas desenvolveram uma intensa e sistemática atividade editorial nos anos de 1940 a 1950. Nasceu nesse período o Editorial Vitória, que seria a editora mais importante dos comunistas brasileiros. Nos anos de 1950, publicou a coleção “Romances do Povo”, sob a direção de Jorge Amado.

criação imposta pelo Partido, que deixaram marcas na literatura e nas artes do país, a partir de 1930. Em 1956 retorna ao Brasil depois de viver na União Soviética e em 1958, Jorge Amado publica o romance *Gabriela, cravo e canela*, romance escrito e publicado na época do desapontamento causado aos comunistas pela denúncia e acusação das ilegalidades dos crimes cometidos por Stalin, divulgados no XX Congresso do Partido Comunista, no ano de 1956.

4 A EXPLÍCITA INTENÇÃO DE FORMAR UM PÚBLICO LEITOR

Por escrever com a língua errada do povo, sobre suas mazelas, abordando seus problemas a partir de suas próprias formas de expressão, para ter esse povo como leitor, como nunca dantes tinha sido feito no romance brasileiro, é que Jorge Amado não foi aceito, ou melhor entendido, pelas instâncias legitimadoras do literário. E foi exatamente essa mudança fundamental e revolucionária da linguagem, em função de um público que pretendia atingir, que se centrava o projeto literário de Amado. O entusiasmo por parte dos leitores, refletido nas sucessivas reedições de seus romances e nas tiragens espetaculares para a época, não foi acompanhado por um contingente da crítica, que valorizava o estético, prevalecendo a postura redutora de considerar sua ficção maniqueísta, superficial, características das quais resultaria o seu alcance popular. Enquanto a crítica marxista considerava o escritor como fiel representante dos princípios do realismo socialista. Jorge Amado vivia entre um fogo cruzado de avaliações.

Nessa longa trajetória como escritor e homem público, militante do Partido Comunista,² a literatura produzida por Jorge Amado o coloca à mercê de uma pluralidade de leituras e tendências críticas, que cresce significativamente a partir da publicação do romance *Gabriela, cravo e canela*. Para a pesquisadora Tânia Pellegrini (1999), Jorge Amado, não só mobilizou uma máquina editorial, como tornou-se imortal da Academia Brasileira de Letras, seduziu o mercado internacional e conquistou o abstrato e poderoso leitor médio brasileiro. Longe das amarras que a cultura letrada e as patrulhas ideológicas lhe impunham, o escritor prenuncia o processo pelo qual, posteriormente, passaria o cânone literário brasileiro: o de pôr em suspenso a noção de valor estético da obra literária, investindo na relação que esta mantinha com o leitor.

² O primeiro livro publicado por Jorge Amado foi *O país do carnaval*, datado de 1931, e o último: *A descoberta da América pelos turcos*, em 1992, segundo bibliografia elaborada pela Fundação Casa de Jorge Amado.

Fato notório é que a obra de Amado foi traduzida em mais de 49 idiomas, em mais de 50 países, com tiragens que ultrapassam milhões de exemplares. Daí ser ele considerado uma “grife”, uma marca brasileira que ultrapassa, em muito, o domínio da literatura, sendo o seu nome transformado num espelho do Brasil, e principalmente da Bahia, terra/musa por ele considerada “uma nação, romântica, sensual e mágica [...] cenário e tema de praticamente toda a minha obra de ficção. (AMADO, 1980, p. 50). O crítico Afrânio Coutinho (1959) ao analisar o romance *Gabriela, cravo e canela*, destaca no romance “a língua, a caracterização, o enredo, a narrativa, o lirismo,” e acrescenta que Jorge Amado ao investir neste romance de conotações humorísticas, distancia-se do engajamento político-partidário das obras anteriores. Ganha destaque na análise de Coutinho (1959) o sucesso editorial do romance – “70.000 exemplares vendidos é um fato sem precedentes em nossa literatura” o que comprova a imensa popularidade do escritor e impõe “uma pausa para meditação”, um questionamento: “Que significa isso?” Para o crítico, tal êxito reflete tanto

[...] uma maturidade literária, de quem vive no meio do seu “povo”, a auscultar-lhe os anseios, a maneira de falar, captando suas lendas e mitos, como um amadurecimento do público leitor, ao se identificar com o escritor, passando a comungar, ambos, dos mesmos ideais, dos mesmos motivos, na mesma expressão. (COUTINHO, 1959, p.5)

Defensor da autonomia da arte, Coutinho (1959, p.5) vê na narrativa de Amado uma “literatura livre, peculiar, com personalidade própria”, assim como inconfundível, quando se inspira e é originária de uma tradição nativa, com uma “língua própria” e com o “falar do povo” marcando assim uma identidade nacional. Quanto ao sucesso junto ao público leitor, atribui ao talento de Amado em falar a linguagem do outro, a uma “nova experiência que está sendo posta em arte. Graças a artistas de profunda percepção criadora, recebendo de seu povo a melhor inspiração”, prova da intencionalidade de Amado em constituir leitores, cujo alargamento de público, através das sucessivas edições de seus romances, é um fato inegável desde o início da sua carreira, assim como a relação que o escritor manteve com aos meios de comunicação de massa durante esse percurso.

Apesar do alto nível de aceitação por parte do público leitor brasileiro, a produção literária amadiana esteve à mercê de preconceitos e proibições. Proibições por parte de autoridades do governo brasileiro desde a sua fase inicial, quando seus livros eram

escritos obedecendo aos princípios do realismo socialista, tendo sido queimados alguns deles, em praça pública, no período do Estado Novo (1937), como por exemplo, *Capitães d'Areia*.

No meio acadêmico a literatura produzida por Jorge Amado por longos não foi considerada como alta literatura, sofrendo um preconceito que perdurou até os anos 70 quando novas abordagens e conceitos do literário começaram a mudar o rumo dos estudos literários influenciados pelas ciências humanas como a antropologia. Esse preconceito acadêmico é flagrado nas críticas e análises da obra amadiana, principalmente em espaços formadores de opinião como as histórias de literatura que criticavam o estilo, a linguagem do autor considerados sem aprimoramento. Os preconceitos e proibições do ponto de vista moral exacerbam-se depois de *Gabriela, cravo e canela* quando a linguagem é livre, libertina, sexualizada e explícita.

4.1 UM LABIRINTO BIBLIOGRÁFICO

A partir dos anos 1960 e 1970 do século XX, na avaliação de Renato Ortiz (ano?), a consolidação do mercado de bens culturais se solidifica no país cujas produções, cada vez mais distintas, cobrem uma gama diferenciada de consumidores. Os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, consolidam o advento da indústria cultural no Brasil, introduzindo formas novas de apreensão do mundo, nova sensibilidade, ao buscar atender às exigências de uma recepção movida por novos parâmetros diante de novas formas de produção do objeto artístico, no qual a literatura se inclui.

Como reflexo, pode-se detectar, a partir dos anos 1970, que a própria escolha dos leitores passa a ser conduzida pelo mercado. Diante do “labirinto bibliográfico”, da produção em massa e da rapidez com que age o mercado, torna-se difícil uma reflexão sobre a obra, enquanto vão surgindo outros sistemas de orientação: “[...] as colunas, os comentários, as resenhas, as notas, as famosas ‘listas dos dez mais vendidos,’ os suplementos de cultura e cadernos ‘b’ nos jornais.”³ Sem deixar de mencionar a redefinição do estatuto do literário, do “puro objeto estético” ter sido gradativamente substituído pelo estatuto de mercadoria.

No ano de 1975, o romance *Gabriela, cravo e canela* é adaptado para a televisão, em forma de novela, suscitando, no seio da crítica literária acadêmica, questões relativas à “espetacularização” do autor e da obra nos meios de comunicação de massa e sua exposição no mercado, uma escolha de Amado. Conforme Márcia Rios da Silva (2006), por optar por uma estética marcada por regras da cultura massiva, contrária aos valores literários vigentes, Jorge Amado entra em choque com instâncias legitimadoras do literário que não acatam a “ausência de experimentação da linguagem” na sua produção literária, assim como condenam o seu “alto grau de aderência ao real.” Essas instâncias legitimadoras posicionam-se avessas à relação, harmoniosamente assumida pelo escritor Jorge Amado, da atividade literária com o mercado, segundo parecer de Tânia Pellegrini (1999).

Desde as primeiras produções literárias de Amado, a linguagem de “fácil leitura,” o estímulo à repetição e o formato folhetim foram e ainda têm sido considerados, por um contingente da crítica, elementos desqualificadores de sua obra,⁴ e, para outros segmentos críticos, como responsáveis pela aceitação e formação de um público leitor brasileiro, com a qual se identificava. Tania Pellegrini chama a atenção para o fato de que, mesmo antes de se configurar no país a relação entre bens culturais e mercado, Jorge Amado

[...] dá forma concreta ao chamado descompasso da cultura brasileira, ao incorporar ao tecido da sua obra, entre outras coisas a dinâmica do mercado e a estética do espetáculo, algo que as fragilidades, aliadas à qualidade “cinematográfica” de todos os seus textos, de certo modo antecipavam. (PELLEGRINI,1999, p.142).

Conforme a autora, é justamente a partir dos anos 70, com o advento da indústria cultural no Brasil, que há um incremento do intercâmbio entre mercado e mídia, favorecendo tanto a montagem de peças teatrais, como a adaptação para televisão de sucessos literários, o que, segundo a autora, “se não ajudam a despertar a sensibilidade propriamente literária, é eficiente estratégia de estímulo ao consumo do produto cultural, seja livro, peça [etc].”⁵ Silvano Santiago (2004) quando analisa a

⁴ Como foi demonstrado nas análises das histórias literárias dos anos de 1970 e por Pellegrini nos dias atuais: “Cada livro que escreve já nasce o mesmo, em forma e conteúdo, pois sabe que tem cativo o “leitor médio” acostumado aos seus “contos e à linguagem televisiva contemporânea a que não por acaso, suas histórias tão bem se adaptam”.

⁵ Nesse período, foram adaptadas para a TV as obras literárias *A sucessora*, *A escrava Isaura*, *Senhora*, *Gabriela, cravo e canela*, e posteriormente, *Tieta do Agreste*, *Jorge, um brasileiro*, *O primo Basílio*, *Os maias* e outros em forma de novelas e alguns no formato de minisséries. Em 1975, a revista *Amiga* lançou o romance

relação da literatura com a cultura de massa, considera que na “modernidade periférica brasileira” as formas de cultura de massa estão reduzidas ao fanatismo pelo folhetim de “alto teor sentimental e dramático,” vistos nas radionovelas dos anos 1940 e nas telenovelas que incidem a partir dos anos 1960. É percebendo esse fenômeno, e não ignorando o alcance do escritor Jorge Amado junto ao público, o seu sucesso editorial, que a TV Globo investe na adaptação para novela do romance *Gabriela, cravo e canela*, em 1975, na certeza de estar lançando no mercado um produto de fácil consumo pelo público telespectador.

Como uma contribuição aos estudos da relação entre literatura e cultura de massa, o crítico literário Silviano Santiago faz uma leitura baseada nos estudos de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte, atribuindo um ganho à “exposição” a que está sujeita a obra de arte na contemporaneidade. No dizer desse crítico,

[...] a perda do valor de culto de uma obra de arte, ao mesmo tempo em que a dessacraliza, torna-a alheia à sua inscrição na tradição [...] no momento em que passa a ser produzida ou reproduzida tecnicamente perde algo, mas ganha, como consequência os *infinitos lugares e contextos* de sua reprodução. E se perde o valor de culto, também se refuncionaliza, passando a ter uma práxis social, leiga que é a intervenção imediata na esfera política. (SANTIAGO, 2004, p. 114-115).

Visto isso, pode-se considerar que a estreia na televisão brasileira da novela *Gabriela* se constituiu em um marco significativo da recepção amadiana, por tal adesão ter ocorrido quando a mídia televisiva se expande em rede nacional, o que não só favoreceu a divulgação da produção literária de Amado, como apontou para uma nova forma de mediação entre o livro e o leitor, agora efetuada por todos os artifícios permitidos pela relação estabelecida entre mídia e mercado. E ademais apontou “para a fragilidade do texto escrito, sobretudo aquele que se inscreve sob a rubrica de literatura erudita em um contexto no qual a cultura midiática torna-se hegemônica, particularmente no Brasil.” (SILVA, 2006, p. 36). Vale ressaltar que não só da televisão se valeu Jorge Amado como veículo mediador de suas obras. Tantas outras foram adaptadas para o teatro, cinema, revista em quadrinhos, além de serem inspiradoras de músicas do cancionário nacional.

Gabriela, cravo e canela em fotonovela; a Editora Brasil América, em revista em quadrinhos e no teatro em 1985 o romance foi adaptado para *ballet* e apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

5 MODOS DE LER JORGE AMADO

Para o leitor ler Jorge Amado, escritor de uma fecunda e polêmica produção literária é preciso que se levante e se esclareça algumas questões que permeiam essa trajetória assim como se faz necessário que um protocolo de leitura conduza o leitor no percurso desse caminho. A literatura amadiana produzida na juventude dos anos 30, inspirada nos princípios do realismo socialista, assim como o seu engajamento, custou-lhe uma recepção polêmica e heterogênea e uma trajetória literária, arbitrariamente dividida em fases distintas, pela crítica, que, ora partidária, esquerdista, ora esteticista, propiciava ao escritor e à sua obra, a entrada ou exclusão do cânon literário instituído. É um tempo em que sua literatura estava eivada da inspiração nos princípios do realismo socialista, do engajamento político e partidário, tempo e obra em que a literatura como missão de transformar a realidade imediata, era como arma de luta contra as injustiças sociais. Sua escrita era enxertada de uma linguagem coloquial, sem preocupações literárias ou estilísticas (nota introdutória de *Cacau*), na qual o narrador dos romances é sempre autobiográfico não se distanciando do tempo da escrita, não se distinguindo, assim, do tempo do leitor, numa linguagem falada pelo povo e para o povo com o objetivo de torná-lo leitor, objetivo alcançado, medido pelas tiragens das obras e suas reedições.

Segundo, Nelson Cerqueira (1988), estudioso da trajetória literária e política de Amado, de 1934 a 1958, o escritor foi acusado pelos críticos não marxistas de escrever literatura de propaganda e panfletos ideológicos, enquanto os esquerdistas classificavam-no de realista, crítico realista e, por vezes, socialista realista. De acordo com a visão do crítico Eduardo Assis Duarte, o entusiasmo por parte dos leitores, refletido nas sucessivas edições de seus romances e nas tiragens espetaculares para a época, não foi acompanhado por grande parte da crítica, prevalecendo a postura redutora de considerar a ficção amadiana de maniqueísta e superficial, postura que se contrapunha a outra corrente que aplaudia a novidade, a nova forma de Amado escrever sobre e para o povo, adotando uma linguagem marcada pela oralidade, recuperando “modalidades dos falares populares que o romance brasileiro até então fora incapaz de incorporar ou o fizera de modo excessivamente estilizado.” (DUARTE, 1995, p.12).

Quando Amado retorna ao cenário literário brasileiro, em 1958, época em que se desencanta com o Partido, ele publica o romance *Gabriela, cravo e canela*. O picaresco, o riso, o humor, a sensualidade da personagem, o estético que percorre toda a obra, distanciados do “cartesianismo” socialista das obras anteriores. De *Gabriela, cravo e*

canela (1958) à *Descoberta da América pelos turcos* (1992) sua literatura passa a caracterizar-se por um maior labor na linguagem, mais apuro literário e estético, na qual se faz presente e é incorporado o riso, o humor, antes não presente na obra do autor, um ritual de passagem do dramático ao cômico e ao picaresco no qual a polifonia de vozes sociais marca a passagem do individual para o grupal, sem no entanto, em momento algum afastar-se do comprometimento social assumido desde sempre.

A literatura de cordel, a preocupação com as classes menos favorecidas, a crítica às classes dominantes, a oralidade, as tradições dos povos, os festivais, as atitudes carnavalescas, os prazeres sensuais, o riso e a liberdade, sempre presentes na obra do escritor, refletem, na perspectiva de Cerqueira (1988), instrumentos de oposição ao mundo oficial e às classes dominantes, a intenção de que suas obras fossem lidas e absorvidas pelo povo e que nelas fosse representado.

6 CONCLUINDO...

Tais esclarecimentos podem nos levar a dizer que Jorge Amado foi um escritor que não se preocupou em ir além dele mesmo, mantendo-se fiel aos seus princípios. Em seus livros estão as marcas da sua posição política, seu distanciamento das vanguardas modernistas, da sua atenção voltada para documentar a história, sem devaneios psicológicos. Para Alice Raillard (1990), nas narrativas amadianas, o tempo é o tempo da realidade imediata e o tempo do romance corresponde ao tempo da escrita.

[A postura de fidelidade artística cultivada por Amado, segundo Carpeggiani, (2008) “foi ao mesmo tempo seu inferno com a crítica e sua salvação perante o mercado.” Não restam dúvidas de que em toda sua trajetória, como escritor, Jorge Amado circulou em espaços que ultrapassam o campo literário e entre uma significativa parcela do público leitor médio brasileiro, através da veiculação nos meios de comunicação de massa da sua literatura. O fato de a sua produção ter sido veiculada no rádio, na TV, no cinema, nas histórias em quadrinhos, como estratégias de aproximação com o público,

confere uma feição singular a sua recepção, no contexto da literatura brasileira: dessacralizou o texto literário. Ao esvaziar a literatura de seu estatuto elitista, amplia-se a noção de texto e se força uma releitura do cânon formado, bem como uma revisão de critérios de consagração estabelecidos pelo campo literário. (SILVA, 2006, p.2)

Não estando imune a essas questões e atingidos pelos dardos lançados pela crítica, o leitor médio brasileiro, por muito tempo, viveu o desconforto de ser e dizer-se leitor de Jorge Amado e por perceber as controvérsias da crítica e o descrédito atribuído à sua produção literária, por pudor, omitia muitas vezes e de acordo com o lugar, o gosto e o prazer de ser, ele, leitor de romances amadianos. Se o gosto pode ser compreendido como “um princípio das escolhas”, como o considera Bourdieu (1983, p.134), para que essa escolha seja exercida “é preciso que os bens oferecidos sejam “classificados de bons ou maus, hierarquizados e hierarquizantes”, e que, além de tudo, ainda haja pessoas dotadas de “princípios de classificação de gostos.” Diante dessa ótica, pode-se melhor compreender o comportamento desse leitor médio brasileiro cuja escolha recaia sobre um escritor polêmico, alvo frequente da crítica literária, cujo produto era divulgado e oferecido ao mercado através de grandes tiragens e consumido aos milhares. Como diz Bourdieu (1983, p.89), “bens assim oferecidos tendem a perder sua raridade seletiva e seu valor distintivo.” A mediação das escolhas desses leitores pela crítica literária brasileira, portanto, só poderia trazer-lhes a sensação ambígua de rejeição e fascínio pelo objeto desejado - o romance amadiano que falava a sua língua e tocava-lhe o coração.

E assim, Jorge Amado, por ter buscado, ao longo de sua trajetória como escritor, os recursos da linguagem, uma homologia com a história, os meios de comunicação de massa, condições e meios que dessem ao seu povo a possibilidade de ler a sua obra, podemos considerar que ele, intencionalmente, exerceu e ocupou o lugar de mediador na constituição do público leitor brasileiro. Ademais não só por ter lançado mão dos recursos citados ocupou esse lugar, mas por ter representado nas suas obras a universalidade das dores e dos prazeres do homem comum, de homens e mulheres, de todos os homens. Na sua obra os leitores se encontram.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Entrevista. **Playboy**, São Paulo, ano 64, n.64, 1980. p.50.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BOUNICORE, Augusto. Comunistas, cultura e intelectuais entre os anos de 1940 e 1950. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 32. jan. 2004. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/o32/32cbounicore.htm> p. 2.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos) 1836-1880.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. v 1 e 2.

CÂNDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura.* São Paulo: Martins, 1972.

CARPEGIANNI, Schneider. **A revanche de Jorge Amado.** Disponível em http://www.nordestweb.com/not01_0308/ne_200830319b.htm.

CERQUEIRA, Nelson. **A política do Partido Comunista e a questão do realismo em Jorge Amado.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.

COUTINHO, A. Gabriela, cravo e canela. **Correio Paulistano.** São Paulo, 1959. p.5

DUARTE, Eduardo Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

FREIRE Paulo. **A importância do ato de ler (em três artigos que se completam).** São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: Mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, G & CHARTIER, R. (Orgs.) **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1999. p.165-202.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira.** 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PELLEGRINI, Tania. **A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea.** Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPES, 1999. p. 142.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado.** Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 273-274.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e cultura de massa. In: **O cosmopolitismo do pobre.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SILVA, Márcia Rios da. **O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado.** Salvador: Fundação Gregório de Matos/ EDUFBA, 2006.

Recebido em: 01 de março de 2022
Aceito em: 22 de dezembro de 2022
Publicado em: 23 de dezembro de 2022